

Empirismo

Os filósofos de orientação **empirista** discordavam das teses defendidas pelos racionalistas. Apontavam a **experiência** como fonte do conhecimento, afirmando que este se constrói com base nas percepções dos sentidos, e não em decorrência de princípios inatos – isto é, de noções primárias que fariam parte da essência da mente humana, sem depender de qualquer experiência para se formar. No século XVII, o inglês John Locke defendeu esse pensamento, o qual foi aprofundado e sistematizado, no século XVIII, pelo escocês David Hume.

Locke afirmava que nada havia na mente que não tivesse sua origem nos sentidos. Para ele, a mente era como uma **tábula rasa**, ou seja, uma folha em branco, preenchida aos poucos com ideias simples, obtidas por meio da experiência, sendo possível ao entendimento humano relacioná-las de diferentes formas, por meio da reflexão, compondo, assim, ideias mais complexas e abstratas.

14 Encaminhamento metodológico.

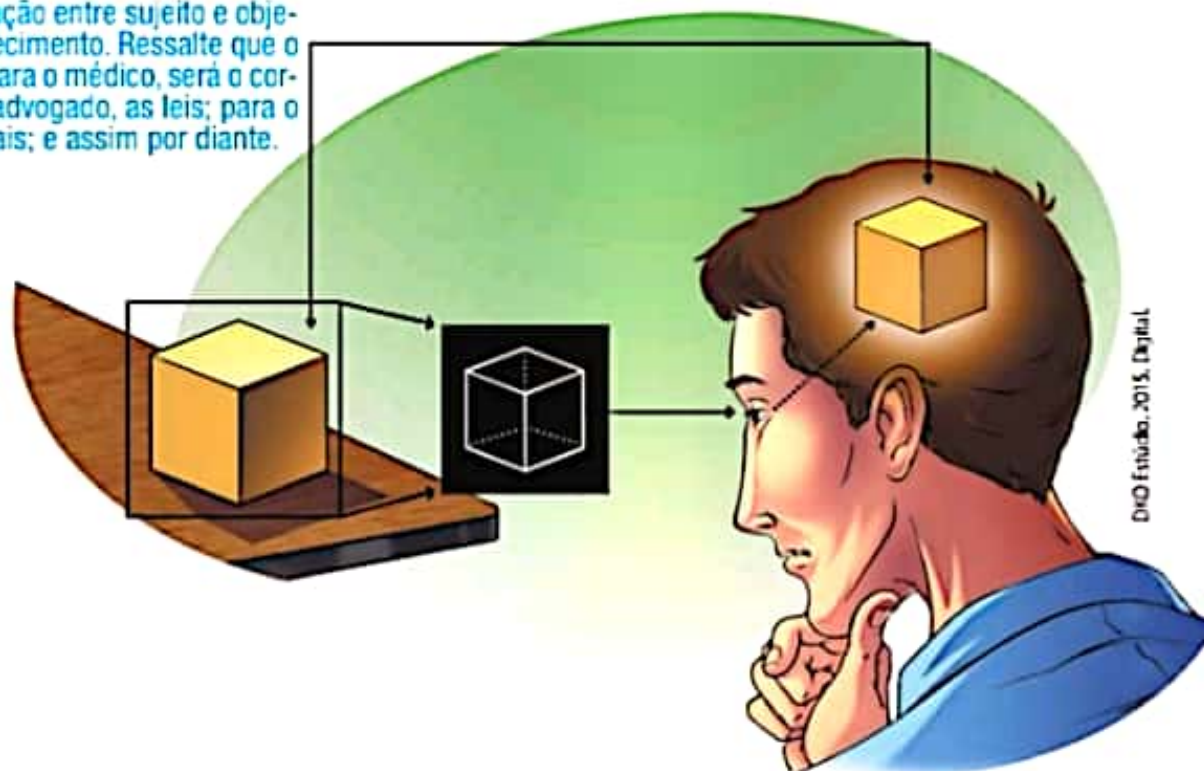


KNELLER, Godfrey. *Retrato de John Locke*. 1697. Óleo sobre tela, color., 76 cm x 64 cm. Museu Estadual Hermitage, São Petersburgo

tábula rasa: tábula era a designação latina para as tábuas cobertas de cera utilizadas para se escrever na Roma Antiga. Se a camada de cera fosse fina (rasa), isso indicava que a tábula ainda não havia recebido inscrições, pois a reutilização era feita aplicando-se uma nova camada de cera que cobria a anterior, apagando a escrita.

Aos sentidos, portanto, caberia a possibilidade de perceber os modos ou qualidades dos objetos sensíveis e transmiti-los à mente. Por meio deles, seríamos capazes de perceber sensações, como quente, frio, doce e amargo, impressas em nossa mente como resultados da experiência. Logo, o conhecimento seria elaborado em duas etapas: a experiência externa e a percepção da mente sobre ela. Essas duas etapas encontram-se representadas a seguir.

No empirismo, a relação entre sujeito e objeto é a base do conhecimento. Ressalte que o objeto pode variar: para o médico, será o corpo humano; para o advogado, as leis; para o veterinário, os animais; e assim por diante.

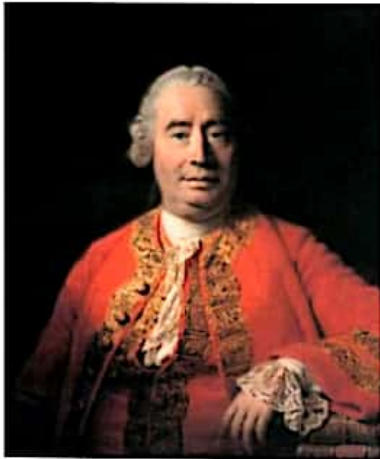


Locke também descrevia a ocorrência de percepções da mente sobre suas próprias operações, capacidade chamada de reflexão. Contudo, afirmava que mesmo a reflexão depende da experiência, por meio da qual a mente capta conhecimentos que, uma vez internalizados e inter-relacionados, possibilitam o pensamento abstrato.

Experiência x hábito

Como você observou, a compreensão de que todo conhecimento tem sua origem na experiência aproxima os pensamentos de John Locke e David Hume. No entanto, Hume é considerado um filósofo **cético**, por duvidar da possibilidade de se obter um conhecimento completamente seguro.

©Wikimedia Commons/Artemija



Hume acreditava que o conhecimento se estrutura em nossas mentes por meio de três categorias: **associação, tempo-espaço e causalidade**. Ao elaborar essa classificação, julgou superada a concepção da relação entre sujeito e objeto, segundo a qual o conhecimento seria um reflexo do mundo externo, representado na mente humana de forma idêntica à sua realidade. Isso porque, de acordo com o filósofo, ao observar um objeto, a reflexão do sujeito internaliza sua imagem, condicionando essa imagem, entretanto, de acordo com suas próprias categorias.

RAMSAY, Allan. *Retrato de David Hume*. 1766. 1 óleo sobre tela, color., 76,2 cm x 63,5 cm. Scottish National Gallery, Edimburgo.

Cético: adepto do ceticismo, que surgiu na Antiguidade com Pirro e teve continuadores na Academia platônica. Os céticos da Antiguidade colocavam em dúvida a possibilidade de se alcançar um conhecimento seguro da realidade, assim como Hume veio a fazer, vários séculos mais tarde.

Filosofia

19

O filósofo defendia a experiência como fonte de conhecimento, mas lembrava que esse último seria sempre limitado e preso aos hábitos. Não acreditava, por exemplo, que um fenômeno fosse causa ou efeito de outro. Dizia que o hábito de observar alguns fenômenos ocorrendo em sequência é que levava as pessoas a imaginar uma lei de causalidade entre eles.

Portanto, o conhecimento resultante da experiência de que, após a noite, o Sol nasce e nos aquece não seria seguro, afinal de contas, nada poderia nos garantir isso, a não ser o hábito que nos condiciona a pressupor uma relação causal com base no tempo e no espaço.

15 Orientações didáticas.

DiO Frizado, 2015. Digital

